

Detratores do homoerotismo grego: uma historiografia essencialista

Detractors of the Greek homoeroticism: an essentialist historiography

Daniel Barbo

Doutor

Universidade Federal de Minas Gerais

danielbarbo@yahoo.com.br

Rua Dom Lúcio Antunes, 400/1302

30535-630 - Belo Horizonte - MG

Brasil

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar o cunho essencialista da abordagem de algumas obras historiográficas anteriores ao evento de Stonewall (1969) que, ao se debruçarem sobre o estudo do amor, da educação e da mitologia gregas, necessitaram colocar em pauta a questão, então constrangedora, do homoerotismo grego. Essa historiografia, tentando delinear a face pedagógica desse homoerotismo, devido à sua importância crucial para a cultura grega, escamoteou ou interpretou mal sua face erótica, resvalando para a incompreensão das fontes gregas que evidenciam a relação, propriamente, erótica do fenômeno da sociedade. O momento da escrita dessas obras historiográficas foi de um extraordinário autoritarismo e de um extremado conservadorismo, época em que fortes interdições pesavam sobre a homossexualidade no mundo ocidental, o que justifica, em parte, a superficialidade daquelas análises.

171

Palavras-chave

Historiografia; Homoerotismo; Helenismo.

Abstract

The aim of this article is to analyze the essentialist mark of the approach of some historiographical works written before the Stonewall event (1969) which, as long as they studied the Greek love, education and mythology, needed to put on the agenda the question, so embarrassing at that time, of the Greek homoeroticism. That historiography, trying to outline the pedagogic side of that homoeroticism, due to its crucial importance to the Greek culture, filches or misinterprets its erotic side, slipping to the incomprehension of the Greek sources which prove the relation exactly erotic of the Greek phenomenon. The moment of the writing of those historiographical works was of extraordinary authoritarianism and extreme conservatism, when powerful interdictions weighed on the homosexuality in the occidental World, justifying largely the superficiality of those analyses.

Keyword

Historiography; Homoeroticism; Hellenism.

Enviado em: 6/12/2010

Aprovado em 1/3/2011

Introdução

A partir da década de 1910, um longo e rico debate sobre o homoerotismo grego permeou a historiografia sobre a sexualidade. Podemos encontrar diversas abordagens, com múltiplos propósitos. Ao longo do século XX, delinearam-se duas matrizes historiográficas principais: o essencialismo e o construcionismo. Verificamos que a abordagem essencialista, uma das primeiras formas de analisar o homoerotismo grego em uma longa duração, percorreu todo o século XX e desembocou no século XXI. Entretanto, a partir da década de 1980, com o surgimento da abordagem construcionista, com forte inspiração foucaultiana e pós-moderna, as duas abordagens passaram a dividir o campo de análise desse aspecto da cultura grega.

Em relação à corrente historiográfica essencialista, trataremos aqui de alguns poucos autores que, além de serem partidários desse modo de observar a realidade histórica, foram, no nosso entendimento, detratores do homoerotismo grego. A corrente essencialista analisou a erótica grega em termos de hetero e homossexualidade (tais identidades seriam, para essa vertente historiográfica, essências humanas universais e não construções culturais datadas), obscurecendo a explicação do próprio fenômeno grego. Por sua vez, a interpretação construcionista afirmou que as experiências sexuais são construções culturais, isto é, em cada sociedade essas experiências são estruturadas de uma forma específica. Portanto, elas são consideradas categorias históricas e não categorias universais ou naturais.

Em sua inovadora obra *Greek homosexuality*, de 1978, o historiador britânico Kenneth Dover já havia relacionado essa detração do homoerotismo dos helenos por parte de alguns historiadores com a má interpretação que esses autores fizeram das fontes gregas. Dover fez a seguinte reflexão:

Num artigo publicado há setenta anos, Erich Bethe observou que a interferência do juízo de valor moral – ‘o inimigo mortal da ciência’ – viciara o estudo da homossexualidade grega, e que continuava a viciá-lo. Um amor por Atenas combinado com ódio pela homossexualidade subjaz à opinião de que esta era ‘um pecado dórico, cultivado por uma pequena minoria em Atenas’ (J. A. K. Thomson, ignorando os testemunhos das artes plásticas), ou que os homossexuais eram ‘considerados desgraçados, tanto pelas leis quanto... pela opinião pública’ (A. E. Taylor, ignorando as implicações do texto ao qual ele se refere em sua nota de rodapé). Um amor pela cultura grega de um modo geral combinado com a incapacidade ou a falta de vontade de reconhecer características de grande importância no seio desta cultura deu origem à opinião de que a ‘homossexualidade’, simplesmente, ou a ‘pederastia’ eram proibidas pelas leis da maior parte das cidades gregas (Flacelière, Marrou). Não conheço nenhum outro tema, em estudos clássicos, no qual a capacidade do estudioso em perceber diferenças e tirar conclusões seja tão facilmente prejudicada. É sobretudo a autores que trataram deste tema que se acusa de omitir algo que foi dito muitas vezes, ou se atribui coisas que não disseram. Por meus conhecimentos pessoais, concordo com o comentário de Karlen: ‘alguns (especialistas públicos ou acadêmicos em sexo) são homossexuais em segredo, e sua ‘pesquisa’ é uma maneira disfarçada de argumentar em favor desta forma de sexualidade. Outros pesquisadores e clínicos revelam, em caráter particular, um ódio vingativo por desvios sexuais, que eles jamais ousariam expressar em público’’. (DOVER 1994, pp. 7-8).

A história da educação grega para Henri-Irénée Marrou

Em 1948, o historiador francês Henri-Irénée Marrou publicou a sua obra mais conhecida: *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité*. Naquele momento, época de extraordinário autoritarismo e extremado conservadorismo, fortes interdições pesavam sobre a homossexualidade no mundo ocidental, justificando, em parte, as concepções de Marrou e a superficialidade das análises.

No capítulo III dessa obra, "Da pederastia como educação", o autor não ignora o lugar que o amor masculino ocupava na civilização helênica, notavelmente, no âmbito da pedagogia:

O amor pelos jovens – como a nudez atlética, com a qual aliás se relaciona estreitamente – [...], uma das características peculiares do helenismo, um dos costumes que mais nitidamente o contrapunha aos 'bárbaros', e, portanto, para o mesmo helenismo, um dos apanágios da nobreza do homem civilizado. (MARROU 1990, p. 52).

Sua análise da *pederastia*, assim, concentra-se no aspecto exclusivo da educação. E "a *homossexualidade* grega é de tipo militar" (Ibidem, p. 53. Grifo nosso). Chamando a *pederastia* grega de *homossexualidade* e de *inversão*, Marrou já inicia a sua análise misturando e confundindo as categorias eróticas gregas com as modernas, sob a perspectiva da *anormalidade*: "[...] o próprio vocabulário da língua grega, bem como a legislação da maioria das cidades helênicas, atestam que a *inversão* jamais deixou de ser ali considerada como um fato 'anormal' [...]" (Ibidem, p. 51. Grifos nossos). E complementa essa percepção da seguinte maneira:

Estudar, porém, a técnica da *inversão*, ou determinar a proporção de *homossexuais* na sociedade grega, é algo que quase só interessa à psiquiatria ou à teologia moral; o verdadeiro interesse humano não está aí, mas reside na concepção do amor (que desde o século XII aprendemos a aprofundar mais além da libido, no sentido biológico do termo) e no papel que este exerce na vida. (Ibidem, loc. cit., Grifos nossos).

O embaraço de Marrou reside no fato de que, se, por um lado, ele não ignora e reconhece o lugar privilegiado que ocupava o amor masculino na pedagogia da civilização helênica, vendo-se obrigado a delinear sua potencialidade educativa, por outro, exprime o seu asco em relação ao aspecto, propriamente, erótico desse relacionamento pedagógico. Ele é obrigado a exaltar os valores educativos da relação *erastés/erómenos*, uma vez que esses valores eram parte fundamental da matéria-prima com a qual ele construiu a sua história da educação. Mas, repugna-o o fato de "terem tais relações muitas vezes acarretado *contatos sexuais contrários à natureza* [...]" (Ibidem. Grifos nossos). "Contatos" (gregos ou modernos ou de quaisquer outras sociedades) que, em seu próprio tempo histórico, e, segundo o autor, só interessaria à psiquiatria ou à teologia moral. "Contatos" que Marrou atribui à fraqueza da carne. Consequentemente, "contatos" que não interessariam à história!

Nesse ponto, a ambiguidade do autor é desconcertante. Se, por um lado, ele sustenta que "para o historiador, basta constatar que a antiga sociedade

grega alojou a forma mais característica e mais nobre do amor no intercuro passional entre homens ou, mais precisamente, entre um mais velho, adulto, e uma adolescente” (Ibidem.), por outro, ele condena a efetivação carnal desse amor, remetendo-a para o campo das “monstruosas aberrações” (Ibidem, p. 58). De fato, Marrou descarna a *pederastia* grega:

A essência da pederastia não reside nas relações sexuais *anormais* (lembrei a repugnância que a inversão, no sentido gideano, passivo, do termo, inspira à língua e à sensibilidade gregas): ela é, de início, certa forma de sensibilidade, de sentimentalismo, um ideal misógino de virilidade total. (Ibidem, p. 56. Grifo nosso).

Marrou relaciona a *homossexualidade* com as sociedades guerreiras, “nas quais um grupo de homens tende a encerrar-se em si mesmo. A exclusão material das mulheres e o total retraimento destas acarretam, sempre, uma ofensiva do amor masculino” (Ibidem, p. 53). No ambiente militar:

Tende-se ali a deslustrar o amor normal do homem pela mulher, exaltando-se um ideal de virtudes viris (força, bravura, fidelidade), cultivando-se um orgulho propriamente masculino, sentimento fortemente expresso por Verlaine nas duas peças de *Parallèlement* em que celebra, com cinismo agressivo, a recordação de suas orgias com Rimbaud. (Ibidem).

Dizer que a possibilidade de dois homens de manter um relacionamento erótico, ou mesmo de se amarem, está condicionada, exclusivamente, ao distanciamento das mulheres é um argumento fraco e não explica nada da realidade do desejo humano em sociedades guerreiras. Essa tese reflete muito mais a moralidade cristã de Marrou, recordando a “inversão” de Gide e as “orgias” de Verlaine e Rimbaud. O seu pudor cristão o conduz a uma análise inocente ou cega da *pederastia*, apegando-se a um idealismo filosófico, como se esse idealismo fosse a coordenada fundamental do comportamento erótico entre *erastés* e *erómenos*:

Aqui, como em tantos outros domínios, o luminoso gênio helênico soube conduzir sua análise com tanta profundidade que me bastará referir as conclusões que Platão e Xenofonte concordam em atribuir a Sócrates. A relação passional, o amor (que Sócrates já distingue do desejo sexual e a ele opõe) implica o desejo de assomar a uma perfeição superior, a um valor ideal, à ἀρετή. Não me refiro ao efeito nobilitante que pode exercer sobre o mais velho, sobre o erasto, o sentimento de ser admirado: o aspecto educativo da ligação amorosa concerne, evidentemente, sobretudo ao parceiro mais jovem, ao erômeno adolescente. (Ibidem, p. 57).

O próprio idealismo platônico, “a pederastia, convertida numa aspiração da alma à Idéia” (Ibidem, p. 64), é arremessado para o campo das psicopatologias por Marrou, que toma sempre como referência a *normalidade* da conjugalidade heterossexual ditada por sua formação cristã:

Este sentimento, tão minuciosamente analisado por Platão, aclara-se à luz de uma análise freudiana: é, evidentemente, o instinto normal da procriação, o desejo apaixonado de perpetuar-se num ser semelhante a si que, frustrado pela inversão, se inclina e se manifesta sobre este plano

pedagógico. A educação do mais velho aparece como um substituto, um *Ersatz* esdrúxulo do parto: 'O objeto do amor (do amor pederástico) é procriar e dar à luz dentro do Belo.' (Ibidem, pp. 57-58).

O mesmo é feito em relação à esfera, propriamente, erótica da pedagogia sáfica: "também aqui o psiquiatra tentará, especulando, determinar a extensão dos danos do instinto sexual desviado." (Ibidem, p. 64).

Tentemos estabelecer as linhas mestras que orientaram, teórica e conceitualmente, essa obra. De 1945 a 1975, Marrou ocupou a cátedra de história do cristianismo na Sorbonne e redigiu suas obras mais importantes, dentre elas, a *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité*. Foi um dos primeiros colaboradores da coleção *Sources chrétiennes*, publicando textos dos pais da Igreja, principalmente, acerca de santo Agostinho. Mostrou-se desconfiado em relação ao movimento de maio de 1968. Marrou era um humanista cristão e especialista em cristianismo primitivo, perspectivas que nortearam suas obras e assuntos que foram temas centrais de muitas delas.¹ Devido a essa formação, é compreensível tal percepção, que perpassa a sua obra mais conhecida, em relação aos contatos eróticos entre homens, seja a homossexualidade, propriamente dita, seja a *pederastia* grega. Quanto à *pederastia* grega, ele afirma:

175

Se me dispus a desdobrar ao leitor uma análise tão paciente destas monstruosas aberrações, deve-e isto ao fato de tal ter sido, para um grego, o modo normal, a técnica-padrão de toda educação: a παιδεία realiza-se na παιδευαστέια. Isso parece estranho a um moderno, quero dizer, a um cristão: não se deve esquecer que se integra no conjunto da vida antiga. (Ibidem, p. 58).

Seria incongruente um cristão aprovar contatos eróticos entre homens (a homossexualidade e a *pederastia* grega). Mais ainda, seu dever é condená-los. E é o que Marrou, em coerência com sua formação, embora embaraçosamente, fez em seu livro sobre a história da educação. Poderíamos até dizer que o autor foi, de certa forma, muito ousado, se levarmos em conta a sua formação cristã, ao levantar, ainda que com ressalvas, a questão do amor grego de um homem adulto por um jovem como um elemento fundamental da *Paidéia*, ainda que expurgando e abominando o aspecto carnal desse amor.

Marrou manteve uma abordagem prudente e embaraçosa no que diz respeito a esse aspecto do helenismo. Ele negou qualquer caráter erótico na

¹ Dentre elas, podemos citar: *Fondements d'une culture chrétienne*. Paris: Bloud & Gay, 1934; *Saint Augustin et la fin de la culture antique*. Paris: De Boccard, 1938; *Traité de musique selon l'esprit de saint Augustin*. Paris: Le Seuil, 1942; *L'ambivalence du temps de l'histoire chez saint Augustin*. Paris: Vrin, 1950; *Saint Augustin et l'augustinisme*. Paris: Le Seuil, 1955; *Nouvelle histoire de l'Église*. Tome I, 2e partie: *De la persécution de Dioclétien à la mort de Grégoire le Grand*. Paris: Le Seuil, 1963; *L'Église de l'Antiquité tardive 303-604*. Paris: Le Seuil, 1985. (Collection Points Histoire); *Théologie de l'histoire*. Paris: Le Seuil, 1968; *Christiana tempora: mélanges d'histoire, d'archéologie, d'épigraphie et de patristique*. Rome: École française de Rome, 1978; *Crise de notre temps et réflexion chrétienne (1930-1975)*. Paris: Beauchesne, 1978.

relação *erastés/erómenos*, reduzindo-a, a despeito dos textos e das imagens, “a uma camaradagem masculina, militar ou pedagógica, que somente condições excepcionais e a fraqueza da carne podiam transformar num corpo-a-corpo ilícito.” (SARTRE 1999, p. 5).

Para explicar os contatos eróticos entre homens, Marrou apresenta, provavelmente sem saber, o mesmo argumento – historicamente, nada esclarecedor e, preconceituosamente, obtuso – que proferira outro francês quase 150 anos antes. Trata-se do historiador Jacques-Antoine Dulaure que publicou, em 1805, uma obra intitulada *Des divinités génératrices ou du culte du phallus chez les anciens et les modernes*, que foi publicada, em português, sob o título *O culto do falo: nos antigos e nos modernos*. A obra faz uma análise da prática religiosa do culto do falo em diversas sociedades, tanto antigas quanto modernas, dentre elas, o mundo grego antigo. Para esse historiador, tal culto expressaria, basicamente, a necessidade humana da fertilidade de um modo geral (dos seres humanos, dos animais, das plantas). Não devemos espantarnos que Dulaure, escrevendo em 1805, em uma França sob a glória do império napoleônico e o grande mito da civilização burguesa cristã, tenha-se limitado, somente, a um aspecto, cabível e confortável para a época, da questão do culto do falo. Diferentemente, acreditamos, para além de uma dimensão, estritamente, religiosa, em uma dimensão erótica do culto em questão. Ou, indo mais longe, poderíamos dizer que o religioso e o erótico mesclam-se e fundem-se no culto, ao menos, no que se refere à Grécia antiga.

A passagem da obra de Dulaure que nos interessa, em particular, encontra-se em um pequeno parágrafo bastante esclarecedor de sua percepção, predominante na época, sobre o âmbito erótico. Além de expurgar, completamente, o aspecto erótico do culto em questão, Dulaure, referindo-se, de um modo geral, à Antiguidade e às sociedades tribais, faz uma ligeira apreciação (à qual muito se assemelha a percepção de Marrou) do comportamento homoerótico dos antigos nos seguintes termos:

Os machos de uma tribo, freqüentemente ocupados com expedições de longa duração, com caçadas, com guerras quase contínuas, onde a maior parte perdia a vida, não bastavam talvez para a fecundação das mulheres. A sua longa ausência, o seu afastamento das mulheres, o calor do clima, a juventude dos seus guerreiros ou dos seus caçadores e por conseqüência a impetuosidade dos seus desejos, levaram-nos sem dúvida, para saciá-los, a afastar-se do fim da natureza. Esses gozos suplementares, inúteis e por conseqüência prejudiciais à população, justamente repelidos nas sociedades civilizadas, foram muito freqüentes nas sociedades primitivas. (DULAURE 1998, p. 187).

A história do amor grego para Robert Flacelière

Em 1960, o historiador francês Robert Flacelière publicou sua obra *L'amour en Grèce (Love in Ancient Greece*, na tradução norte-americana). No primeiro capítulo, intitulado “Homer”, depois de narrar uma das passagens da *Ilíada*, em que o poeta épico mostra a afeição do amor conjugal entre Heitor e Andrômaca, Flacelière comenta:

Eu senti o dever de lembrar as linhas, celebradas como estão, pela simples razão de que os gregos, em geral, não têm grande reputação no que concerne à fidelidade conjugal e o tipo de amor conhecido como 'grego', na França, é homossexual. Ainda, os poemas homéricos já são a garantia de que o matrimônio na Grécia Antiga, como em outros lugares, poderia ser caracterizado pelos sentimentos mais ternos e naturais. Tal amor, também, estende-se, como é natural, à criança, a qual é um símbolo em forma concreta da união física e espiritual do casamento. (FLACELIÈRE 1962, p. 14. Tradução nossa).

Parece-nos que uma das intenções desse capítulo é ressaltar o quanto Homero venerava, em sua épica, a fidelidade do amor conjugal, tanto entre os gregos quanto entre os troianos – seja o amor entre Heitor e Andrômaca, entre Príamo e Hécuba, entre Ulisses e Penélope e entre Alcino e Arete, mas também a afeição amorosa entre Aquiles e Briseis ou entre Agamenon e Criseis – embora, Homero não deixe de falar das traições de Helena e de Clitemnestra. “Tal é a visão de Homero sobre o amor humano” (Ibidem, p. 18. Tradução nossa.), argumenta Flacelière. Quanto à fidelidade conjugal do par Ulisses e Penélope, Flacelière arrisca dizer que a *Odisséia*

é uma variedade romântica do épico, a autêntica precursora das novelas dos períodos helenístico e romano nas quais os amantes são mantidos, por muito tempo, à parte pelo destino, sujeitos à dor e provações, aparentemente, intermináveis e ainda, finalmente, reunidos para colher a recompensa, tantas vezes adiada, tão bem merecida, de sua devoção mútua e super-humana. (Ibidem, p. 16. Tradução nossa).²

177

E o mesmo pode ser dito, continua Flacelière, dos deuses, em que pese às intermináveis brigas entre Zeus e Hera. O autor, exaltando a celebração *romântica* do amor conjugal, na *Odisséia*, e um grau maior de liberdade feminina na Idade do Bronze, se comparada com a Idade do Ferro, não vê indícios de *homossexualidade* na épica homérica. Ele afirma:

Mas, nem homens nem deuses, em Homero, são viciados na homossexualidade,³ a qual os poetas posteriores lhes atribuirão. É verdade que no livro XX da *Ilíada* há uma referência a Ganimedes, 'que poderia ser tomado por um deus, sendo o mais belo dos mortais. Tal foi, certamente, a razão pela qual os deuses o levaram para o céu, para que ele pudesse servir a Zeus como escanção e viver entre os imortais abençoados.' Mas, para Homero, Ganimedes é um escanção e nada mais, não é o favorito de Zeus. (Ibidem, p. 19. Tradução nossa).

Para Flacelière, portanto, não havia nenhum traço nem de misoginia nem de *homossexualidade* entre os gregos da Idade do Bronze. E ele parece constatar isso, particularmente no que se refere à *homossexualidade*, com muito alívio, posto que, no final desse primeiro capítulo sobre Homero, ele conclui:

² Para uma visão contrária no que tange à ideia de romance na cultura grega, cf. REDFIELD, Homo Domesticus. In: VERNANT, Jean-Pierre (Ed.). *The greeks*. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1995.

³ Na versão em inglês, a expressão é “addicted to the homosexuality”.

Entre a época da civilização micênica ou acaia e aquela na qual Homero viveu, sucederam-se grandes migrações raciais. A Grécia tinha sido conquistada pelos dórios e a Idade do Bronze cedeu lugar à do Ferro. Podem ter sido os dórios que introduziram maneiras mais vulgares e uma concepção diferente de sociedade, na qual os homens cultivavam um ideal peculiar de virilidade desacanhada, desprezavam o 'sexo frágil' e mantinham-se para si próprios, raramente, encontrando suas esposas, exceto naquele 'único centro social, o leito matrimonial', como André Bonnard escreveu em *Lettres d'Humanité*, V, 1946, p. 33. Tais hábitos, eventualmente, criaram uma atmosfera favorável para o surgimento e para o desenvolvimento da homossexualidade. (Ibidem, p. 34. Tradução nossa).

Devemos concluir, dessas passagens de Flacelière, que a *vulgaridade* da *homossexualidade*, bem como a misoginia, foram possivelmente, introduzidas na Grécia antiga pelos *vícios* dóricos. A Idade do Bronze, que não era, na expressão desse autor, viciada na vulgaridade da homossexualidade, parece salvar parte da história do mundo grego de uma mácula e exprimir um recanto helênico mais de acordo com a sensibilidade e a moralidade pessoais e sociais de um historiador que escreveu na França em 1960. Flacelière demonstra querer relativizar a ideia de que "o tipo de amor conhecido como 'grego', na França, é *homossexual*", seja lá o que quer que ela queira dizer na França em 1960. Tendo ou não razão em suas afirmações acerca dessas diferenças entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro, o que importa é constatar a cristalinidade do seu padrão de valorização erótica: a virtude do *amor conjugal e romântico, terno e natural* da Idade do Bronze (ousaríamos dizer amor *heterossexual*, seguindo a lógica interpretativa do próprio autor) é degradada pelo *vício* dórico da vulgaridade da homossexualidade em curso na Idade do Ferro. Flacelière refrata a cultura grega através do prisma que só reflete a sensibilidade, a moralidade e os valores burgueses de seu presente.

Em relação a essa influência *perversa* dos dórios, Flacelière pensava, diferentemente, de Marrou. Este afirma:

Embora a pederastia não apareça na obra de Homero, não creio que se deva hesitar em reportá-la a uma época bastante remota. Ela está ligada a toda a tradição propriamente helênica: foi sem razão que a erudição alemã a apontou, muita vez, como uma originalidade da raça dórica; com efeito, encontramos-a também alhures, e, se é fato que os Estados dóricos lhe concederam um lugar senão maior pelo menos mais oficial, deve-se isto, repito-o, ao fato de Creta e Esparta terem experimentado uma ossificação arcaizante em suas instituições: foi isso, também, que fez uma e outra conservarem ainda, em plena época clássica, muitos traços do seu estilo de vida militar originário. (MARROU, op. cit., pp. 52-53).

No segundo capítulo, intitulado "Mithology", tentando diferenciar a deusa Afrodite do deus Eros e jogando com as palavras *eros* e *amizade*, Flacelière nega o desejo carnal entre os homens. Ele diz: "Os filósofos que favoreceram a homossexualidade consideravam ser Eros, em um senso especial, o deus do amante e de seu amado. Mas, em teoria, pelo menos, a afeição entre tais pessoas permaneceu pura amizade." (FLACELIÈRE, op. cit., p. 50. Tradução nossa). E no capítulo posterior, "Homosexuality", ele reforça essa negação:

A abundante literatura remanescente composta pelos antigos em louvor à pederastia sempre assume que ela é um assunto de mentes, não de corpos, um puro amor 'platônico', como nós ainda hoje o chamamos, do qual a carne está excluída. Declarou-se que Eros, em tais casos, não toleraria a presença de sua mãe, Afrodite. Pois Eros, como nós já sugerimos, simbolizava a paixão da alma e Afrodite, uniões carnais, sejam *homossexual* ou não. (Ibidem, p. 77. Tradução nossa).

Esse argumento, francamente, não se sustenta. O autor generaliza, exageradamente, a através de um tópico pontual e excepcional do platonismo.

Ainda no segundo capítulo, ele enquadra a *homossexualidade* grega na anormalidade:

Pois aquele deus [Eros] preside, primariamente, a devoção apaixonada de um homem maduro por um garoto e Afrodite, as relações sexuais entre homem e mulher. Secundariamente, contudo, a concepção de Eros poderia ser estendida para cobrir sentimentos amorosos quaisquer que fossem, tanto por mulheres quanto por garotos. Do mesmo modo, a concepção de Afrodite poderia cobrir tanto o intercuro carnal normal quanto o homossexual. (Ibidem, p. 51. Tradução nossa).

179

E com o objetivo de exaltar tanto a inferioridade quanto o potencial degenerativo do *amor homossexual grego*, Flacelière reconta, passo a passo, as desgraças dos labidácidas. Essas se iniciam com o amor de Laio por Crisipo, filho de Pelops, em cuja corte, Laio procurou refúgio. Este "levou o garoto, provendo a Grécia, assim, com o seu primeiro exemplo de pederastia, que era, antigamente, desconhecida." (Ibidem, 1962, p. 52. Tradução nossa). Flacelière segue, recontando todo o mito – a maldição lançada por Pelops sobre o violador e suas funestas consequências nas gerações seguintes: as desgraças de Édipo, filho de Laio, destinado a matar o próprio pai e a desposar a própria mãe, Jocasta; as desgraças de Etéocles e de Polinices, filhos de Édipo, que mataram um ao outro pelo trono de Tebas; as desgraças de Antígona, filha de Édipo, impedida pelo rei Creonte de sepultar o irmão Polinices, bem como seu aprisionamento por desobediência ao rei; o trágico suicídio de Hemon, filho de Creonte, após tentar matar o pai, sem sucesso, pelo amor que nutria por Antígona, e, finalmente, o suicídio de Eurídice, em desespero pela morte do filho Hemon. (Ibidem.).

Na sequência do capítulo "Mithology", Flacelière discorre sobre a vida amorosa de Hércules, trata tanto dos relacionamentos com mulheres quanto dos *homossexuais*, com o seu sobrinho Iolaus e com Hylas. Mas, ainda na tentativa de salvar a Idade do Bronze da nódoa da *homossexualidade*, Flacelière aventura a possibilidade de que "estas histórias, possivelmente, podem ter sido inventadas em um tempo tardio, quando o desenvolvimento da homossexualidade tinha sugerido sua prática pelos heróis. Na *Ilíada*, não há relações físicas entre Aquiles e Pátroclo." (Ibidem, pp. 54-55. Tradução nossa). No terceiro capítulo de *Love in Ancient Greece*, cujo título é, exatamente, "Homosexuality", verificamos que as afirmações e as análises de Flacelière são bastante infundadas e ambíguas, bem como contraditórias, no que tange ao

homoerotismo grego, revelando o forte preconceito à homossexualidade em seu presente, o ano de 1960, e o dele próprio como historiador. Até esse ponto do livro, uma de suas estratégias, modelada por uma concepção – a da dicotomia heterossexualidade/homossexualidade instaurada pela sexualidade a partir do século XIX – já bem firmada no campo erótico, é detrair o que ele considerava como *homossexualidade* na cultura grega, obviamente, dialogando com seu tempo, com o seu repúdio à homossexualidade propriamente dita em seu *locus* sociocultural. Todo o seu repúdio à homossexualidade foi transferido para o mundo grego. O autor produziu uma escrita da história dos gregos antigos na qual exprime o seu desconforto pessoal em relação à *essência* da homossexualidade e um juízo de valor característico de seu presente. Flacelière associa o que ele chama de “homossexualidade” grega a “esnobismo”:

Em primeiro lugar, parece, extremamente, provável que a homossexualidade de qualquer tipo estava confinada aos níveis aristocráticos e prósperos da sociedade antiga. As massas de camponeses e os artesãos eram, provavelmente, pouco afetados por hábitos desse tipo, o qual parece ter sido associado a uma sorte de esnobismo. Os textos disponíveis tratam, principalmente, da nobreza ociosa de Atenas. Mas, eles podem dar a impressão de que a pederastia era praticada pela nação inteira. A matéria, contudo, da comédia de Aristófanes intitulada *Lisistrata* sugere que a homossexualidade, dificilmente, tenha sido desenfreada entre as pessoas em geral. (Ibidem, pp. 62-63. Tradução nossa).

Com certeza, os textos aos quais Flacelière se refere, entre eles a obra citada de Aristófanes, demonstram a prática da *pederastia* no círculo da nobreza ateniense. Mas, esses mesmos textos não autorizam afirmar que tal prática “dificilmente, tenha sido desenfreada entre as pessoas em geral.” Além disso, o que ele chama de “esnobismo” era um dos ideais da cidadania ateniense.

O autor apresenta uma interpretação, no mínimo, muito equivocada a respeito das comédias de Aristófanes. Examinando essas comédias, ele afirma que Aristófanes era um determinado oponente da *homossexualidade*, o que não nos parece ser de forma nenhuma o caso. Vejamos sua análise:

Dos *Acarnianos* às *Rãs*, ele ataca, continuamente, tanto os pederastas ativos quanto os passivos com os mais cruéis abusos. Eles eram chamados, respectivamente, *paedicones* e *pathici*, em uma data tardia, pelos romanos. Clístenes, Agaton – a quem nós já encontramos – e Cleônimo, juntos com muitos outros, eram assim, severamente, criticados em público por Aristófanes. Ele compara a perversão de seus contemporâneos, para a desvantagem deles, com a moral mais pura, em seu ponto de vista, da geração anterior, aquela dos valentes ‘veteranos de Maratona’. (Ibidem, p. 80. Tradução nossa.).

Flacelière, simplesmente, não atina o fato de que as pessoas criticadas por Aristófanes nessas comédias, aqueles que ele considera como tendo uma moral relaxada, são os efeminados (*kinaidoi*) e aqueles que cometem *hybris* (a perversão de seus contemporâneos), e não os participantes da relação *erastés/erómenos* (a moral mais pura). Essa relação representa, para o poeta, um modelo de virtude da *Archaiá Paideía*, expresso, por exemplo, no *agon* travado

entre *díkaios logos* e *ádikos logos* em *As nuvens*. Portanto, as obras de Aristófanes confirmam a relação *erastés/erómenos* como uma relação homoerótica legítima e louvável na Atenas clássica.⁴

Flacelière reconhece que, na Grécia, a *pederastia* “tinha se tornado tão em voga que ninguém se preocupava em ocultá-la” (Ibidem, p. 63), ainda que ela fosse “proibida por lei na maior parte das cidades” (Ibidem, p. 63). No entanto, ele não apresenta nenhuma fonte grega que o autorize a fazer a segunda afirmação. Se essas fontes existem, desconhecemo-las. Incongruentemente, ele mesmo cita, nesse mesmo terceiro capítulo, uma passagem da *Constitution of Sparta* (11, 13, 14), em cujas últimas linhas, Xenofonte afirma: “Pois, em muitas das cidades, o desejo carnal por um garoto não é ilegal” (FLACELIÈRE 1962, p. 78).⁵ Além do mais, Flacelière interpreta mal leis como as de Sólon, encontradas em obras como, por exemplo, o *Contra Timarco*, de Ésquines, e generaliza a sua má interpretação para o resto do mundo grego antigo, que, aliás, é muito mal documentado para uma afirmação como essa. Para sustentar a ideia de que a *pederastia* era proibida por lei, na maior parte das cidades gregas, Flacelière argumenta:

Em Atenas, existia um corpo inteiro de leis com a intenção de reprimir a propagação da pederastia. Provavelmente, essa legislação data do tempo de Sólon. Ela tinha como objetivo, entre outras coisas, manter amantes masculinos fora das escolas e das arenas de exercícios, tão longe quanto possível. (veja Ésquines, *Contra Timarco*, 9-11.) Mas, leis pouco podem fazer para conter hábitos, largamente, disseminados e inveterados. (Ibidem, p. 67. Tradução nossa).⁶

181

As leis citadas por Ésquines não tinham como objetivo reprimir a *pederastia*, mas a *hybris*. Nessa má interpretação das leis de Sólon, Flacelière segue de perto Marrou. Este já havia feito a seguinte afirmação a respeito das leis de Sólon, na convicção de que elas proibiam qualquer contato homoerótico em Atenas:

Em Atenas, a lei pune o escravo pederasta e, entre os cidadãos, a prostituição, o proxenetismo e a violação de um adolescente. As disposições policiais atribuídas a Sólon interditam aos adultos o acesso às escolas (de letras ou de ginástica?) freqüentadas pelos jovens: cf. os textos reunidos por De Pogey-Castries. (MARROU, op. cit., nota complementar 3, p. 549).

Na sequência do capítulo “Homosexuality”, Flacelière diz:

No capítulo anterior, mencionamos um número de alusões à pederastia nas lendas mitológicas correntes nas eras clássica ou helenística. Mas no capítulo I, lidando com Homero, não pudemos achar nenhum traço de homossexualidade na *Ilíada* ou na *Odisséia*, mesmo em referências a Ganimedes.

⁴ Para essa questão nas obras de Aristófanes, cf. BARBO, 2008.

⁵ A expressão, na tradução norte-americana, é: “For in many of the cities carnal desire for a boy is not unlawful.”

⁶ Para uma visão contrária no que tange às leis de Sólon citadas por Ésquines no *Contra Timarco*, cf. Loc. cit.

É claro que é possível que Homero, deliberadamente, tenha suprimido menções a um hábito que ele deplorava. Pois, sua poesia é bem nascida. Seu realismo é sempre seletivo e nunca escorrega para a vulgaridade. (FLACELIÈRE, op. cit., pp. 63-64. Tradução nossa.).

O autor faz outra afirmação não estabelecida pelas fontes gregas – a ideia de que Homero deplorava tal hábito – e reforça seu preconceito à homossexualidade, tanto a do seu tempo, quanto a que ele crê existir na Grécia antiga. De qualquer forma, revela seu preconceito a qualquer tipo de relacionamento erótico entre pessoas do mesmo sexo em qualquer momento histórico.

Flacelière segue, nesse ponto, a teoria de Marrou que afirma que a *pederastia* originou-se no companheirismo dos soldados. Daí, a argumentação de Flacelière, difícil de sustentar, de que “na maior parte dos Estados dóricos, a homossexualidade apareceu, mais notavelmente, do que em Atenas.” (Ibidem, p. 67. Tradução nossa).. E, por isso, a sua tese a respeito da *pederastia* grega: a *homossexualidade* foi um abominável vício dórico que se espalhou entre os gregos na Idade do Ferro.

Flacelière usa, em sua análise, muitas fontes gregas: Anacreonte, Aristófanes (*Thesmophoriazusa*), Aristóteles (*Constituição de Atenas*), Ateneu, Ésquilo (*Mirmidões*), Ésquines (*Contra Timarco*), Lísias, Luciano (*Diálogos das cortesãs*), Píndaro, Platão (*Banquete, Phedo, Lísias, Laques*), Plutarco (*Vida de Licurgo, Erotikos*), Safo, Sólon, Teógnis, Teócrito, Tucídides, Xenofonte (*Ciropedia, Constituição de Esparta, Hiero, Memorabilia*). O intrigante é que, através delas, ele constata um tipo de relacionamento afetivo e pedagógico, advindo do campo guerreiro, entre um adulto e um jovem (o que, desde Dover, convencionou-se chamar relação *erastés/erómenos*,⁷ embora Flacelière não faça o menor esforço para a distinguir da prostituição masculina), mas é, completamente, insensível, dada a sua intolerância à homossexualidade, à dimensão erótica dessa relação, ainda que as evidências dela estejam latejando diante de seus olhos em meio a essas fontes.

O clima de tabu e o peso moral sobre temas como homossexualidade e prostituição são explícitos na obra de Flacelière. Ao comentar a prostituição masculina em Atenas, o autor faz a seguinte interrupção:

Mas, nenhum detalhe a mais sobre essa matéria desagradável precisa ser notado aqui. Aqueles que desejam buscar a questão, podem consultar o apêndice V do trabalho dos eruditos clássicos Meier e Poge de Castries sobre a fisiologia das práticas homossexuais na Antiguidade, *Histoire de l'amour grec dans l'Antiquité*, pp. 292-302 (*Aristote et sa théorie scientifique de l'inversion sexuelle*).

Nós podemos retornar, mais proveitosamente, para os aspectos menos desagradáveis da *pederastia*, a qual era também educacional, como Xenofonte afirma, na *Constituição de Esparta*, 11, 13, e como H.-I. Marrou, entre outros, reconheceram. Em sua *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité* ele dedica um excelente capítulo, 'Da *pederastia* como educação', ao tópico. (Ibidem, pp. 83-84).

⁷ As denominações *erasto* e *eromeno* já estão presentes em *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité*, de Marrou

Essa passagem demonstra também a incapacidade de Flacelière de distinguir a *pederastia* da *prostituição masculina*, na Atenas clássica, ou, dizendo de outro modo, o seu preconceito, ao varrer ambas para o mesmo recanto do imoral, do abominável. E transparecem o imenso desconforto e a decepção com que Flacelière conclui a respeito do *aspecto menos desagradável da pederastia*, citando e concordando com Marrou: “É inquestionável, portanto, chocante mesmo como o fato possa parecer, que ‘a homossexualidade contribuiu para a formação do ideal moral que fundamentava toda a prática da educação grega. [...]’” (Ibidem, p. 87. Tradução nossa.). E, logo em seguida, referindo-se à escassez de educação superior em Atenas, o autor faz o seguinte comentário: “Essa grave lacuna no currículo ateniense era, normalmente – caso se possa usar tal advérbio para se referir a personagens anormais –, preenchida por pederastas.” (Ibidem, p. 88. Tradução nossa.).

Se, por um lado, Flacelière, ainda que a contragosto, constata a relação pedagógica entre mestre e discípulo, por outro, tenta esconder, ao máximo, a dimensão erótica da relação. A todo custo, o autor quer passar a imagem de que essa relação, já que ela existe, não passa de um amor paternal, “as atitudes de um pai para com seu filho” (Ibidem, p. 89. Tradução nossa.), expurgando todo o desejo carnal que possa haver nela, que, aos olhos do autor, é repugnante. O mestre ama, pensa Flacelière, mas, citando Sócrates platônico, em um “senso puramente espiritual” (Ibidem, p. 90. Tradução nossa.), como se todos os amores da parte dos mestres pelos discípulos fossem puramente *platônicos*.

183

Conclusão

As obras *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité* e *L'amour en Grèce*, ambas de cunho essencialista, são fruto de uma época na qual pesavam fortes interdições sobre a homossexualidade. O clima da época justifica, em parte, a superficialidade das análises de Marrou e de Flacelière. Bernard Sergent, em sua obra *L'homosexualité dans la mythologie grecque*, publicada em 1984, aponta uma das causas dessa superficialidade:

O que incomoda muitos observadores contemporâneos acerca dos costumes antigos que eu estou discutindo é a ausência de uma aguda divisão entre o comportamento normal e o anormal. Noções, radicalmente, diferentes são, aparentemente, confundidas. Como veremos daqui a pouco, muitos povos não distinguem entre ‘homo’ e ‘hetero’ em atração ou em comportamento sexual. A atração de um indivíduo por um sexo, de forma alguma, exclui a atração dele ou dela pelo outro sexo. Por isso, uma das imagens centrais da cultura ocidental, aquela da virilidade, é, espantosamente, contraditória. Em vez de identificar a virilidade com o comportamento, exclusivamente, heterossexual, como a nossa própria cultura faz (a tal ponto que todo homossexual masculino é *ipso facto* rotulado de efeminado), outras culturas definem a superioridade social – a superioridade dos guerreiros, do líder, do xamã – em termos de comportamento homossexual envolvendo jovens os quais virão, finalmente, a compartilhar do *status* superior de seus mentores. (SERGENT 1992, p. 2. Tradução nossa.).

Em 28 de junho de 1969, ocorreu o episódio da Christopher Street, no Greenwich Village, em Nova Iorque, que acabou por originar a parada do orgulho gay. Nesse dia, a polícia de Nova Iorque invadiu o *Stonewall Inn*, um *Queer Bar*, um bar misto com grande frequência de trabalhadores pobres, inclusive latinos, gays e travestis. Após as habituais humilhações, o público reagiu e o embate transformou-se em luta de rua, com uma importante participação dos travestis. Depois de vários dias de confronto, nas ruas de Greenwich Village, os homossexuais resolveram organizar uma luta permanente contra o preconceito e a humilhação. Nesse processo, gays, mulheres e negros caminharam juntos, assumindo uma postura de *esquerda*. (SILVA, Homossexualidade e revolta. In: SILVA; MEDEIROS; VIANA 2000, pp. 241-242). Sobre esse episódio, Fry e Macrae relataram que

gritava-se palavras de ordem como 'Poder Gay', 'Sou bicha e me orgulho disso', 'Eu gosto de rapazes' etc. Pouco depois a Frente de Libertação Gay lançou seu jornal, *Come Out* (Assuma-se) e decretou-se a data de 28 de julho 'dia de Orgulho Gay', em comemoração deste 'mito de origem'. Como sempre, os militantes que pretendiam politizar explicitamente a questão homossexual eram uma minoria. Mas o seu posicionamento refletia uma mudança mais generalizada entre uma proporção considerável da população homossexual. (FRY; MACRAE 1985, pp. 96-97).

Pode-se estabelecer o episódio de *Stonewall* como o início do movimento gay contemporâneo. Logo, a palavra *Stonewall* tornou-se simbólica na luta pela igualdade por parte da comunidade gay. A partir desse evento, como reação à arbitrariedade

184

legitimada pelo consenso da maioria hostil em relação àqueles que expressavam uma orientação sexual não convencional, formaram-se, lá, os primeiros grupos e frentes de resistência à intolerância, que deflagraram a mais importante luta pelos direitos de gays e lésbicas, naquele instante, incentivando lutas semelhantes em outros países. (OLIVEIRA 2004, p. 164).

Nesse momento, constituíram-se, para deflagrar a luta para reivindicarem seus direitos de cidadania, frentes como o *Mattachine Action committee*,⁸ a *Gay Liberation Front* e a *Gay Activist Alliance*, que foram os precursores de movimentos mais organizados que surgiram nos anos 1990, como a *Act-Up* e a *Queer Nation*, organizadoras, juntamente com outros grupos, das paradas americanas conhecidas como *Gay Pride*, que se espalharam por diversos países. (OLIVEIRA, loc. cit.).

⁸ "No mesmo ano em que foi publicado o Relatório Kinsey, foi fundada a Sociedade Mattachine, cujo nome foi tomado de um famoso bobo de corte renascentista, originalmente uma associação secreta cuja estrutura foi copiada do Partido Comunista Americano. Apesar de ter sido fundada por pessoas com posições políticas bastante radicais, a Sociedade Mattachine adotou uma linha de moderação e cautela visando a integração do homossexual na sociedade através da reforma das leis anti-homossexuais dos Estados Unidos. Seus associados muitas vezes aceitavam a noção da homossexualidade como doença, frequentemente adotavam pseudônimos e enfatizavam a sua 'respeitabilidade'. A própria palavra 'homossexual' tendia a ser rejeitada devido à sua ênfase no 'sexual', e outros neologismos foram adotados, como 'homófilo' e 'homoerótico.'" (FRY; MACRAE 1985, p. 94.)

Pode-se também estabelecer esse fato histórico – o incidente de *Stonewall*, em 1969 – como um divisor de águas na interpretação do homoerotismo grego. Ele e suas consequências para a causa da homossexualidade, de fato, criaram uma ruptura em termos de comportamento e de mentalidade no mundo ocidental, que foi intensa o suficiente para influenciar, profundamente, as análises historiográficas do homoerotismo grego e suas relações com a história da sexualidade.

Marrou e Flacelière são autores da era pré-*Stonewall*. Basicamente, os autores pré-*Stonewall*, dentre os quais podemos também destacar Meier e Pogey de Castries, além de tratarem a erótica grega de forma essencialista, apresentam uma forte carga de preconceito, senão ódio, à homossexualidade. Com essa visão, interpretando a erótica grega em termos de hetero e homossexualidade, em uma abordagem míope da cultura grega, esses autores transferiram, para o mundo clássico, o seu repúdio pessoal, reflexo do preconceito social ditado pela sociedade em que viviam. Em 1960, vendo a homossexualidade como uma anormalidade, uma vulgaridade, algo deplorável, na melhor das hipóteses, fruto de um esnobismo que manchava e ameaçava a *normalidade* conjugal da heterossexualidade, Flacelière, que, acreditamos, era amante da mitologia grega, como bem demonstra sua obra, tentou salvar, nem que fosse uma fração temporal da história grega, a Idade do Bronze, do vício dórico; o breu, diria Flacelière na esteira de Marrou, do qual quanto mais os gregos (e os modernos) tentavam se livrar, mais se sujavam.

Mediante a análise dessas duas obras, fica evidente que os seus autores quase nada puderam explicar do homoerotismo grego, ou do *amor grego*, ou da *pederastia*, pois mal compreenderam⁹ esse fenômeno. No conjunto, ao usarem categorias eróticas modernas, na análise da erótica grega, seja no âmbito da *educação* ou no do *amor*, Marrou e Flacelière tentaram negar a efetivação do ato erótico entre os participantes da relação *erastés/erómenos*. Nas análises desses autores, que levantaram a tese do distanciamento das mulheres para explicar a *homossexualidade* grega, a referência de normalidade é a relação heterossexual, o casamento, o amor conjugal e romântico, terno e natural. Para eles, a homossexualidade é um esnobismo, um desperdício, uma vulgaridade, uma anormalidade, uma psicopatologia. Todo o erro interpretativo recai, portanto, sobre o fato de que eles analisaram a erótica grega sob a ótica da sensibilidade, da moralidade e dos valores burgueses e cristãos de seu presente, o que os impediram de fazer análises seguras e acertadas das fontes trabalhadas.

⁹ Essa incompreensão não pode ser, totalmente, atribuída à época de escrita das obras, precisamente, 1948 e 1960, uma vez que Werner Jaeger, em seu livro *Paidéia, a formação do homem grego*, publicado em três volumes (primeiro volume em 1933, segundo volume em 1943 e terceiro volume em 1944), tendo em pauta a relação erótica da *pederastia*, não se referiu a ela através do termo homossexualidade (nem no sentido, puramente, descritivo, e, muito menos, no sentido substantivo ou normativo). Ele teve o cuidado de se referir a essa relação erótica grega pelo autêntico nome do fenômeno: *pederastia*. Além disso, não detratou o homoerotismo grego, não havendo nenhum indício, em sua obra, de que considerasse o ato homoerótico, na Grécia antiga ou na modernidade, imoral, insano ou doentio. Provavelmente, isso se deve ao fato de que Jaeger, diferentemente de Marrou e de Flacelière, foi influenciado pelo historicismo alemão clássico.

Referências bibliográficas

- AESCHINES. **Against Timarchus**. Cambridge & London: Harvard University Press & William Heinemann Ltd., 1988.
- AESCHINES. **On the Embassy**. Cambridge & London: Harvard University Press & William Heinemann Ltd., 1988.
- ARISTOPHANES. **The clouds**. Cambridge & London: Harvard University Press & William Heinemann Ltd., 1988.
- _____. **The frogs**. Cambridge/London: Harvard University Press/William Heinemann Ltd., 1988.
- _____. **The Lysistrata**. Cambridge & London: Harvard University Press & William Heinemann Ltd., 1988.
- _____. **The Thesmophoriazusae**. Cambridge & London: Harvard University Press & William Heinemann Ltd., 1988.
- _____. **The Ekklesiazusae**. Cambridge & London: Harvard University Press & William Heinemann Ltd., 1988.
- _____. **Nuvens**. In: Teatro Grego, São Paulo: Editora Cultrix, 3ª edição, 1977. Tradução de Junito Brandão.
- _____. **A revolução das mulheres**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964. Tradução e adaptação de Mário da Gama Cury.
- BARBO, Daniel. **O triunfo do falo: homoerotismo, dominação, ética e política na Atenas clássica**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2008.
- DOVER, Kenneth J. **A homossexualidade na Grécia antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- DULAURE, Jacques-Antoine. **O culto do falo: nos antigos e nos modernos**. Lisboa: Hugin, 1998.
- FLACELIÈRE, Robert. **Love in Ancient Greece**. New York: Crown Publishers, Inc., 1962.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- _____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- _____. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1977a.

- _____. **História da sexualidade: o uso dos prazeres.** Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____. **História da sexualidade: o cuidado de si.** Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. **Microfísica do poder.** 17 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- _____. **Nascimento da clínica.** Rio de Janeiro: Forense, 1980.
- _____. **Vigiar e punir.** Petrópolis: Vozes, 1977b.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos).
- GIDE, André. **Corydon.** Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1969.
- _____. **O imoralista.** Rio de Janeiro: Editora Opera Mundi, 1970.
- _____. **O journal.** Os Cadernos de Cultura, 1955.
- _____. **Os moedeiros falsos.** São Paulo: Círculo do Livro, 1986.
- _____. **Oscar Wilde.** New York: Philosophical Library, 1949.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALPERIN, David M. **One hundred years of homosexuality and other essays on Greek love.** New York, London: Routledge, 1990.
- HALPERIN, David M.; WINKLER, John J.; ZEITLIN, Fromma I. **Before sexuality: the construction of erotic experience in the Greek world.** Princeton: Princeton University Press, 1990.
- JAEGER, Werner. **Paidéia, a formação do homem grego.** São Paulo, Brasília: Martins Fontes/Editora Universidade de Brasília, 1986.
- MARROU, Henri-Irénée. **História da educação na Antiguidade.** São Paulo: EPU, 1975.
- MARTINS, Estevão de Rezende. **Historiografia contemporânea: um ensaio de tipologia comparativa.** In: Varia História, nº 27, junho, 2002.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade.** Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004. (Coleção Origem)
- PLATO. **Lysis.** Vol. III. Cambridge & London: Harvard University Press, 1991.
- _____. **Phaedrus.** Vol. I. Cambridge & London: Harvard University Press, 1995.
- _____. **Symposium.** Vol. III. Cambridge & London: Harvard University Press, 1991.
- _____. **The lovers.** Vol. XII. Cambridge & London: Harvard University Press & William Heinemann Ltd., 1986.

- _____. **The republic**. Vol. V. Books 1-5. Cambridge & London: Harvard University Press & William Heinemann Ltd., 1935.
- _____. **The republic**. Vol. VI. Books 6-10. Cambridge & London: Harvard University Press & William Heinemann Ltd., 1989.
- SARTRE, Maurice. **Ritos e prazeres gregos**. Caderno Mais, Folha de São Paulo, p. 6-7, 31 de outubro de 1999.
- SERGENT, Bernard. **Homosexuality in Greek myth**. Boston: Beacon Press, 1986.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. "Homossexualidade e fascismo". In **Dicionário crítico do pensamento de direita: idéias, instituições e personagens**. (orgs.) Francisco Carlos Teixeira da Silva, Sabrina Evangelista Medeiros e Alexander Martins Viana, Rio de Janeiro: Faperj: Mauad, 2000.
- _____. "Homossexualidade e política". In **Dicionário crítico do pensamento de direita: idéias, instituições e personagens**. (orgs.) Francisco Carlos Teixeira da Silva, Sabrina Evangelista Medeiros e Alexander Martins Viana, Rio de Janeiro: Faperj: Mauad, 2000.
- _____. "Homossexualidade e revolta". In **Dicionário crítico do pensamento de direita: idéias, instituições e personagens**. (orgs.) Francisco Carlos Teixeira da Silva, Sabrina Evangelista Medeiros e Alexander Martins Viana, Rio de Janeiro: Faperj: Mauad, 2000.
- VERNANT, Jean-Pierre (ed.). **The greeks**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.
- XENOPHON. **Memorabilia**. Vol. IV. Cambridge/London: Harvard University Press/William Heinemann Ltd., 1979.